



“CADÊ O PROFESSOR DE LITERATURA DAQUI?” - UMA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DO
PROFISSIONAL DE LETRAS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO

Marta Helena Cocco¹

*El mundo habrá acabado de joderse el día en que los hombres viajen
em primera classe y la literatura en el vagón de carga.*

Gabriel Garcia Marquez - Cien Años de Soledad

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre a formação acadêmica nos cursos de graduação, chamando a atenção para a responsabilidade pessoal do acadêmico em desenvolver sua autonomia como leitor e seu compromisso como formador de leitores, independentemente da forma como a literatura se apresenta no currículo escolar. Também menciona brevemente a defasagem do paradigma em que a estrutura curricular está organizada e a importância da concepção de literatura como arte e não como componente curricular, entre outros aspectos referentes ao ensino.

Palavras-chave: literatura, ensino, formação acadêmica.

Abstract: This article proposes a reflection on the undergraduate programs by calling attention to the personal responsibility of the undergraduate student in developing their autonomy as readers and their commitment to introducing reading to young students' routine, regardless the way literature is presented in the school curriculum. It also briefly mentions the paradigm delay in which the curriculum structure is organized as well as the importance of the conception of literature as art and not as a curriculum component, among other aspects related to education.

Keywords: literature, education, undergraduate programs.

1. Docente de Literaturas da Língua Portuguesa da Universidade do Estado de Mato Grosso/ Campus de Tangará da Serra.

A pergunta que intitula este artigo remonta a uma brincadeira infantil e é sucedida por uma resposta que encadeia outra pergunta, e assim sucessivamente (“cadê o toucinho daqui?”), o que a torna apropriada a esta discussão. Foi motivada por uma conversa informal com um professor do ensino médio que diz ter sentido essa ausência (do professor de literatura) depois que houve a integração das disciplinas de língua e literatura num componente mais amplo denominado *Linguagens, códigos e suas tecnologias*, nos atuais currículos escolares.

Antes que alguém possa julgar o caso/amostragem não significativo/a, começo dizendo que em ensino/educação tudo, cada caso, é sempre significativo e merecedor de estudo.

Inicialmente é preciso compreender que a constatação feita pelo professor é oriunda de uma experiência de formação e de trabalho baseada num paradigma já ultrapassado em muitos aspectos, mas ainda vigente em nossas universidades e escolas. Historicamente, o momento de segmentar as partes para compreender o todo já teve sua importância e, agora, não só não serve mais, como deve ser superado. As condições materiais da experiência humana global, com inestimáveis conquistas tecnológicas e científicas (para o bem e para o mal) permitindo trocas em espaço-tempo virtual, alteram de modo tão incisivo nossa forma de existir, que pedem currículos onde simultaneidade e inter/transrelações estejam na base da produção do conhecimento. Pensando assim, não podemos imputar o problema à reunião das linguagens num componente curricular mais amplo. Mas o problema existe e a denúncia do professor é séria. O problema, então, é de quem? Da formação do professor em uma universidade que continua com o currículo segmentado e não o prepara para o exercício profissional? A organização curricular das escolas estaria em descompasso com a dos cursos de graduação? Como na brincadeira “cadê o toucinho daqui”, as questões continuam: Os cursos de graduação não são a universidade? A universidade não é o local de produção de pesquisa que possibilitou os avanços tecnológicos que conhecemos e que modificaram nossos modos de ser/estar no mundo? Não há sintonia entre pesquisa e ensino? Essas questões correm à boca miúda entre populares, em rodas de conversa, entre pais de alunos, leigos, e, também por isso, não podem ser ignoradas por quem trabalha na universidade.

O problema da formação já foi detectado há muito tempo, o que significa que não há solução fácil para ele. De um lado as mudanças são lentas, porque as estruturas, do modo como são organizadas, não permitem mudanças radicais sem prejuízo relevante aos diretamente envolvidos (rematrículas, adaptações, transferências, sobrecarga de trabalho etc.). De outro, grande parte dos alunos que ingressa em cursos de licenciatura apresenta baixo repertório de leituras, algo que não se recupera em quatro anos de estudos, especialmente quando o curso ocorre no período noturno e o estudante trabalha durante o dia. Isso ocorre, entre uma complexidade de motivos, também pelo fato de a profissão do professor não gozar de remuneração atrativa, o que faz com que a maioria dos alunos com melhor desempenho nos ensinos fundamental e médio busque profissões que prometam maiores chances de ascensão sócio-econômica. Esse problema também desemboca numa infinidade de situações, à moda do “cadê o toucinho daqui”, incluindo a frustrante constatação de

que fazemos parte de um sistema de produção que se auto-organiza para que o capital continue nas mãos de quem está e para que a educação não prepare as pessoas para questionar e alterar sua estrutura. Assim, as mudanças vão acontecendo lentamente, num ritmo desproporcional a outros segmentos da vida social e são provocadas, principalmente, por profissionais sonhadores e esperançosos de uma sociedade mais justa e feliz. Nesse sentido, já se percebem algumas mudanças, tímidas e nem sempre formalizadas. Hoje, nas universidades, há grupos de pesquisa interdisciplinares e, mesmo em sala de aula, no conhecido trabalho de formiguinha, conhecem-se muitas experiências que apontam para novos caminhos. Somam-se à formação profissional as demais experiências de vida e, aos poucos, os professores vão incorporando essas novas concepções de espaço-tempo, entre outras, (tão mais tranquilas para crianças e jovens) fundamentais para uma sala de aula do século XXI. A necessária continuidade dos estudos dispensa comentários. Principalmente porque mudanças exigem conhecimentos profundos. Há uma onda perigosa rondando o relativismo que a ciência contemporânea propôs. Relativismo requer profundidade de conhecimentos, significa que lá no fundo, onde a ciência conseguiu chegar, ainda há o que precisa ser investigado. Não pode ser usado para disfarçar problemas de formação e de empenho de profissionais da educação. Alguns aceitam qualquer texto como merecedor de estudo, aceitam qualquer produção de leitura como válida. Isso é muito sério, porque faz parte da tal perversidade do sistema. Basta pesquisar, por exemplo, o tipo de educação que é dado por quem pertence a camadas sociais bastante privilegiadas socioeconomicamente. Que tipo de literatura pensamos que essa gente lê? Aquela que nos acomoda onde estamos, ou aquela que exige uma complexa produção de leitura e que nos prepara para a autonomia do pensamento, da reflexão, da imaginação?

Voltemos à fala do professor, pois até agora rodeamos o problema, é preciso chegar a sua particularidade. Em vez de culpar a formação, (desta vez também não falaremos das condições de trabalho, da infraestrutura das escolas, dos salários etc., para nos concentrarmos no recorte estabelecido) reflitamos sobre a responsabilidade da nossa profissão. Embora tenhamos tido uma formação segmentada, tivemos uma formação, conhecemos, em literatura, parte importante da tradição da cultura ocidental, pelo menos na nossa língua, pelo menos do nosso país. Onde foi parar tudo isso? Tantos textos literários, tantos textos de crítica e o que fizemos deles? Ora, nem todos os textos que estudamos na universidade servirão para uso imediato com nossos alunos do ensino fundamental e médio, mas servirão para a nossa formação, para nos tornar criativos, para que saibamos selecionar os textos adequadamente (faixa etária etc.), para que saibamos encontrar num texto aquilo que é capaz de fazer com que o amemos e, acima de tudo, para que formemos leitores. Um professor de linguagens precisa formar leitores. E para isso, precisa ser um deles. Então, por que o professor de literatura sumiu? Será que esse professor, algum dia, gostou de literatura? Quantos livros leu em toda a sua vida? Quantos livros tem em sua casa? Como esse professor conduziu sua formação? Deixou-a por conta do que a graduação lhe ofereceu, ou procurou desenvolver sua autonomia? Mais importante ainda: como esse professor concebe a literatura?

Quando leciono Estágio supervisionado em Língua e Literatura, gosto de começar o

semestre perguntando aos meus alunos: o que é literatura? Como faço essa pergunta por escrito, apresentarei algumas respostas com as quais pretendo aprofundar esta reflexão.

Estas respostas são de acadêmicos no terceiro ano do curso, portanto, com boa parte dos conteúdos de literatura (seis semestres) já integralizados. A avaliação dessas questões, obviamente, pede uma análise complexa, mas nos concentraremos em comentários pontuais e pertinentes a esta discussão. As respostas serão identificadas pela sequência numérica. As questões foram feitas no início da aula, sem nenhuma introdução ou motivação. Os acadêmicos foram tomados de surpresa e tiveram cerca de trinta minutos para elaborar a resposta. Ao concluírem o trabalho, foram avisados de que o comentário sobre o ele seria feito no final do semestre. Vejamos algumas respostas:

Resposta nº 1: “Conhecimento da vida de importantes autores – pelas poesias, contos, etc. conseguiam demonstrar seus desejos, alegrias e sofrimentos.”

Essa resposta indica uma grave concepção de literatura. A de que se trata da biografia dos autores. Um texto literário nunca pode ser definido como a tradução dos desejos, alegrias e sofrimentos de quem o escreveu. É possível que o texto contenha dados da vida do autor? Sim, o texto é escrito por um sujeito com sua história de vida, com sua cultura etc., de alguma forma isso o afeta, mas é possível que o autor tenha inventado, criado, imaginado situações; é possível que, como artista e ser sensível, ele perceba o real além do seu tempo; é possível que determinadas criações que aparecem num texto não possam ser explicadas por esse autor, porque estão ligadas ao inconsciente dele. Aliás, um escritor nunca tem a palavra final sobre a sua obra. Ninguém tem. Os sentidos de um texto não são absolutamente controlados. Além disso, não estudamos os romances e contos de Machado de Assis, a poesia de Fernando Pessoa, ou o teatro de Shakespeare para saber de sua vida pessoal, mas sim para saber da nossa, para saber da humanidade. Aquilo que identificamos como a subjetividade de um personagem ou de um eu poético, diz respeito ao ser humano. A voz que fala em versos ou num texto prosaico, não pode ser vista como uma voz individual, a arte é uma expressão coletiva, embora feita por um indivíduo. Vejamos outra resposta:

Resposta nº 2: “Literatura é o conjunto de obras literárias.”

Sem dúvida, pensando na literatura como um componente do currículo da escola, da forma como ela tem sido comumente apresentada, essa é uma das respostas esperadas. Mas é uma resposta que precisa de um complemento. O que é, para mim, uma obra literária? Em primeiro lugar, preciso ter em mente que não se trata de um texto como uma bula de remédio, ou uma notícia de jornal. Não estamos hierarquizando o texto literário em relação aos demais gêneros, mas enfatizando a sua especificidade. O texto literário não tem um fim utilitário, nem imediato. O idioma em que é escrito é trabalhado em outras dimensões para que o resultado final seja também um produto de beleza e produza um efeito estético (aquele que é capaz de nos tirar do estado de ordinariade). Aqui reside um dos pontos centrais desta reflexão e que considero crucial na formação dos profissionais de letras: conceber a literatura como arte - não como um componente curricular. Se eu concebo literatura como arte, a minha relação com o texto literário muda. Costumo dizer aos meus alunos: o professor de literatura precisa saber ler no sentido de interpretar, mas também ler no sentido físico - adequadamente (com pausa e volume apropriado de voz,

com expressão facial etc.) um texto literário. E motivar os seus leitores a ouvi-lo com respeito. Porque se está diante de uma obra de arte. Se concebermos o texto literário como obra de arte, fica mais fácil dialogar com outras artes como o cinema, a pintura, a música, a dança etc. e com elas estabelecer o mesmo sentimento de respeito. O diálogo com outras áreas do conhecimento também se torna mais produtivo.

Resposta nº 3: “A literatura muitas vezes é usada para criticar formas de governo, valores de uma cultura, de uma geração, mas que também encanta e emociona.”

O que há de problema nessa resposta? A conjunção “mas”, indicando uma relação de adversidade. Ora, a crítica ou a denúncia sobre determinado tema é importantíssima na literatura e emociona e encanta como quaisquer outros temas como o amor, por exemplo. Aliás, esse procedimento evidencia uma das formas mais nobres de amor, o amor ao próximo. As diferentes vozes que encontramos num texto são fundamentais para ampliarmos nossa visão de mundo, para vermos a realidade também da perspectiva do outro, para que possamos questionar as instituições de poder e não nos submeter a elas ingenuamente. Um parêntesis aqui: não cogitei a hipótese de a literatura ter perdido sua especificidade nos currículos pela sua capacidade de questionar os poderes instituídos, porque penso que podemos manter a especificidade da literatura sem retornar à segmentação das linguagens. Mas se essa hipótese for levada em conta, mais forte deve ser nosso compromisso com a formação de leitores críticos.

Tudo o que diz respeito à humanidade é literatura. Precisamos desfazer equívocos como os de que poemas, por exemplo, são textos que falam só de coisas boas. O bem e o mal nos constituem e o caráter humanizante da literatura reside justamente aí. Convém lembrar Antonio Candido:

Há conflito entre uma idéia convencional de uma literatura que eleva e edifica segundo os padrões oficiais e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (2004, p.76).

Evidentemente, houve respostas que atenderam à expectativa e revelaram a concepção de literatura como arte, assim como a responsabilidade do professor de literatura com a formação de leitores. Não as apresentaremos por limitação de espaço.

Há outro aspecto que tem inquietado estudantes de graduação e professores do ensino médio que pretendo comentar brevemente: a abordagem periodocista da literatura, com tantas obras para estudar, geralmente de modo panorâmico e sem aprofundamento. Eu vejo nesse aspecto um dos motivos de desinteresse dos jovens pela literatura. Precisamos refletir sobre a angústia da incompletude que temos. Ora, somos sujeitos da modernidade e, portanto, sujeitos históricos. Mas trazemos de nossa ancestralidade o desejo do conhecimento não só do mundo, mas de nós mesmos, desejo que, aliás, causou a cisão responsável pela assunção da individualidade. O desejo de abarcar toda a história reflete o desejo de

ciência, presente nos mitos de Prometeu, no mito judaico da queda do paraíso e em tantos outros. Sabendo disso, precisamos aceitar que o domínio da completude é impossível e converter essa aprendizagem ao nosso exercício profissional. Desse modo, é preferível eleger obras significativas (por períodos, ou temas etc.) e trabalhá-las com profundidade, a apenas elencar obras e autores importantes para determinada fase da história, com base num contexto resumido e, o que é lamentável, em excertos de obras, mutilando-as, o que prejudicará, sem dúvida, o trabalho de produção de leitura.

Voltando ao mote que motivou este artigo, por ora, em vez de conclusão, uma convicção: o professor de literatura que está engajado com a grande responsabilidade que cabe a um profissional de letras – a formação de leitores – não desaparece porque a literatura deixou de existir como componente curricular específico. Porque a literatura é, sempre foi e sempre será mais do que um componente curricular. Literatura é arte e arte demanda um compromisso de amor. E também, porque, como tão bem sintetizou a pesquisadora e professora Beth Brait:

Tanto a literatura, essa forma privilegiada de expressão, representação, conhecimento e invenção do homem e do mundo, como todas as outras formas, consideradas, num certo sentido, menos nobres, como é o caso da fala cotidiana, da mídia e até mesmo das interações internéticas, internauticas, tão em voga neste momento, passam necessariamente pela língua e, conseqüentemente, mobilizam e revelam as múltiplas faces desse instrumento que, dependendo do suporte, das condições de produção, das formas de circulação e recepção, reflete e refrata as maneiras de ser, de ver e de enfrentar o mundo de uma dada comunidade em um dado momento histórico, social, cultural. O profissional de letras, hoje, que tem na linguagem seu instrumento, seu objeto, sua matéria-prima, terá necessariamente de estar apto, enquanto escuta e enquanto olha, para essa multiplicidade de formas de mobilização da língua, impedido, pela própria natureza do objeto que caracteriza o seu fazer, de assumir uma possível dicotomia entre língua e literatura, uso e criatividade, expressão verbal e não verbal (2001, p.5).

Não pode e não deve sumir o professor de literatura, quaisquer que sejam as contingências deste mundo, pois, repetindo o mestre Antonio Candido (2004), literatura é um direito, uma prerrogativa de cidadania.

Referências

- BRAIT, Beth. Leituras: formas vivas de surpreender significações. In: Aguilera, Vanderci A. & Límoli, Loredana (org.). **Entrelinhas entretelas**: os desafios da leitura. Londrina: Ed.UEL, 2001. p.1 a 20.
- CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas Cidades/ Ouro sobre Azul, 2004. P.169-192.